

Qualidade, Padronização e Ciência no Ensino Militar

Quality, Standardization, and Science in the Military Teaching

Juliana Boanova Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
julianaboanova@gmail.com

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

Resumo

Essa escrita problematiza o padrão de normalidade e práticas de interdição adotadas nas dinâmicas dos colégios militares. Tais dinâmicas tem servido como discurso político que enaltece a adoção de práticas disciplinares militares como estratégia de aprimoramento e sucesso na educação. Contudo, em toda interdição cabe uma linha de fuga, essa linha teve como plano de expressão uma página na rede social intitulada “No meu colégio militar”. A página serviu como instrumento de análise das narrativas junto a um questionário focado na observação da relação ciência-vida. Para análise escolhemos a perspectiva teórica foucaultiana junto a abordagem do conceito anatomopolítica. O resultado apontou que o colégio tem legitimado discursos de normalidade reforçando e punindo outros modos de existência considerados anormais. A reprodução desse padrão contraria o potencial dos alcances das ciências e seus educadores, capazes de acessar uma pluralidade de conhecimentos produzidos sobre sexo/gênero/sexualidade que desestabilizam verdades padronizadas sobre a tradição androcêntrica.

Palavras chave: Colégio Militar, Educação em Ciências, Discurso.

Abstract

This text aims to problematize the normality standard and the forbidding practices adopted by military schools. Such practices have been working as a political speech that praises the adoption of military-discipline strategies towards reaching educational improvement and success. However, within every interdiction, there is one escapeway. This escapeway found its expression through a social network web page entitled No meu colégio militar. The web page worked as an analysis instrument for the narratives, along with a questionnaire concerning the science-life relation. The Foucauldian theoretical perspective was chosen to conduct the analyses, along with an anatomo-politics approach. The results indicated that the school has been legitimizing standardization speeches and punishing other manifestations of existence, taken as abnormal. Reproducing such patterns goes against sciences and its educators' potential

reaching capacities, being these able to access a varying knowledge on sex/gender/sexuality, which dismantles standardized truths concerning androcentric traditions.

Key-words: Military School; Science Education; Speech.

O Colégio Militar e o Discurso da Excelência

Na última década observamos o crescimento dos colégio militares, vinculadas em discursos quantitativos alicerçados em reconhecidos resultados de seus estudantes nos exames nacionais e vestibulares. Ademais de ser interessante analisar as dinâmicas do colégio militar *per si*, esta tem servido ao governo atual como uma bandeira política que prolifera o discurso militarista e, igualmente, legitima a prática do governo dos corpos. Esse discurso político produz uma série de ações governamentais e institucionais que ao mesmo tempo em que valorizam os colégios militarizados, fragilizam as escolas públicas sem essa vertente restritiva.

As organizações empresariais e a mídia tem um papel fundamental na proliferação de discursos comparativos entre os colégios militares e as regulares, utilizando os aspectos quantitativos amplamente, por exemplo, uma pesquisa recente do IDEB mostra que entre as 30 melhores escolas públicas do Brasil, 10 são militares. É preciso questionar o que está sendo colocado como qualidade e a quais indicadores se vincula essa avaliação de qualidade e, ainda mais, quem são os sujeitos estudantes desses colégios. Também é interessante problematizar quais são os discursos e práticas legitimados nestas instituições e o modo que os mesmos estão interpelando e constituindo sujeitos na educação básica.

Entretanto, mesmo que haja divergências de normas e leis específicas entre as escolas básicas e militares, ambas devem estar em conformidade com a legislação que conduz a educação nacional. O colégio militar possui algumas particularidades desde o ingresso, pois mesmo a seleção se dando por meio de uma prova, onde as notas mais altas garantiriam a vaga à mesma, há uma considerável porcentagem dessas vagas destinadas a estudantes filhos de militares. Ademais, de todos os objetivos de um colégio básico regular, a política de ensino do Exército visa ainda: a) a preparação para o emprego do Exército Brasileiro, b) atividades de ciência e de tecnologia, c) atividades na área de assistências e prevenção da saúde, d) atividades complementares de formação profissional e a condução do ensino preparatório.

Ciente de que existem diferentes e importantes aspectos à se tratar quando discutimos a relevância da militarização escolar em uma sociedade contemporânea, cujas demandas parecem distantes das tecnologias e premissas militarizadas, vamos privilegiar uma discussão centrada na área de ciências com alguns questionamentos desde uma perspectiva hipercrítica. Neste artigo, iremos problematizar a biologia contemporânea e a ciência como legitimadora de uma normatização, para isso faremos os seguintes questionamentos aos estudantes: Durante a estada no Ensino médio, o que os estudantes podem dizer sobre o Ensino de Ciências: As aulas problematizavam a realidade da ciência atual? Suas implicações políticas e sociais? A biologia contemporânea e a jurisprudência nacional incorporaram discussões sobre as novas formas de definir raça, sexo, gênero, etc.?

Construir esses questionamentos teve como catalisador o encontro com a uma página na rede social no Facebook onde os estudantes visibilizam situações que vivenciam dentro do ambiente escolar militar e que raramente (ou nunca) encontram espaço de fala na instituição. Enquanto educadores em ciências, buscamos conectar tais situações na perspectiva do ensino

de Ciências, que na atualidade problematiza junto aos conceitos tradicionais a pluralidade da vida em sociedade.

Para darmos conta dessas problematizações, percorremos dois caminhos onde o primeiro deles foi analisar as narrativas da referida página intitulada “No meu colégio militar”, e o segundo foi formular um questionário e aplicá-lo para estudantes deste sistema que nos permitisse observar a relação ciência-vida.

A disciplina dos Corpos e a Interdição de Discussões atuais na produção científica

O sistema educacional militar possui seu próprio diagrama, sendo a disciplina o conceito gerador desse sistema de forte relações de poder. As “disciplinas” são métodos que permitem controlar as operações do corpo mais minuciosamente, realizando a sujeição constante de sua força, o que impõe uma relação de docilidade e utilidade. Analisar o colégio militar na contemporaneidade parece ser um caminho profícuo para tornar visível as diferentes facetas que implica uma tal forma de educar. Analisar o poder disciplinar típico da instituição militar demanda um olhar sagaz e, por isso, escolhemos a perspectiva teórica foucaultiana para abordar o conceito *anatomopolítica*¹.

De acordo com Foucault (1997), a disciplina é diferente da escravidão, da domesticidade e do ascetismo do tipo monástico, pois não se fundamenta numa relação de apropriação dos corpos, nem em uma relação de dominação constante ou tem função de realizar renúncias que implicam obediência, mas sim, é uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente.

Para Foucault (1997) uma “anatomia política”, é também uma “mecânica do poder”, que define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. Podemos perceber que há matizes intercambiáveis nas perspectivas de anatomopoder e biopoder que permanecem presentes em determinadas instituições, como no colégio militar, que parece conter aspectos cruciais de anatomopolítica permanentemente atualizados.

Esse mecanismo de disciplina ao docilizar os corpos, paralelamente, determina padrões de indivíduos. Esta regulação dos corpos está presente no cotidiano dos estudantes dos colégios Militares, temos como exemplos: o uso obrigatório do fardamento; a presença dos alunos em formaturas e cerimoniais militares, perfilados; o uso de insígnias e condecorações nos uniformes; a distribuição dos alunos em séries por graus hierárquicos; os gestos comuns aos militares, como a obrigatoriedade da continência individual perante um superior hierárquico (NOGUEIRA, 2014).

A utilização da indumentária no meio militar serve para padronizar a aparência e despersonalizar o indivíduo, que, a partir do momento que ocorre sua “incorporação” na Instituição, recebe um número que passará a ser sua nova “identidade”. Posteriormente, o posto ou graduação virão sempre precedendo seu “nome de guerra”. O corpo humano quando ingressa

¹ A *anatomopolítica* refere-se aos dispositivos disciplinares encarregados de extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço, no interior de instituições, como a escola, o hospital, a fábrica e a prisão.

no sistema militar, entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.

Para Foucault (1997), a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.(FOUCAULT, 1997, p.136).

A pesquisa efetivada num espaço como o colégio militar oportuniza problematizações, tanto de visibilidades, quanto dos discursos subjetivantes que produzem modos de ser, pensar e agir dentro e fora da rede escolar. Ou seja, a construção do sujeito aluno militar, interpela uma rede discursiva que cria relações de força, subjetividades e legitima o sistema de ensino militar.

Por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido – tudo isso constitui um ‘bloco’ de capacidade-comunicação-poder. A atividade, que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de outros tipos de comportamento, aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, perguntas e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do ‘valor’ de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (FOUCAULT, 1995, p. 15).

Esta rede discursiva que interpela os sujeitos, munida dos discursos proliferados e disseminados pela mídia, assujeita pais e estudantes e os convence pelos dados estatísticos legitimadores da chamada superioridade do colégio militar. Diversas são as formas que promovem o entendimento de superioridade intelectual dos estudantes do colégio militar, porém, esta superioridade está baseada somente em índices numéricos e conteudistas, que permitem, sim, aos estudantes permanecer no topo dos rankings de conhecimentos necessários às provas e demais processos cujos conhecimento de referência são fundamentais.

Marco metodológico e Análises

Há, como tantas vezes discutidos em artigos e espaços educacionais, uma preparação para a vida que a escola pode propiciar, e, nosso interesse em entender esse outro aspecto importante na dinâmica da escola nos levou ao nosso primeiro lugar de análise, a página do Facebook intitulada “No meu colégio militar”, onde nos deparamos com vários depoimentos que escapam aos índices estatísticos e se aproximam da vida cotidiana. O critério de escolha deu-se pela quantidade de depoimentos que abordavam o mesmo tipo de preconceito, onde foi realizado uma análise de discurso. Assim com o marco teórico foucaultiano construímos um marco metodológico que implica três movimentos: a) analisar as narrativas na referida página do Facebook, buscando localizar as sujeições b) identificar pelo questionário aplicado se há discussões científicas que problematizem tais sujeições, c) os atravessamentos no currículo e na constituição dos sujeitos estudantes-militares.

Podemos exemplificar a análise com um dos muitos depoimentos semelhantes de estudantes que se assumem bi/homo /transsexual:

[Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Militar de Brasília]

"Após me revelar transexual nas redes sociais com um texto fui imediatamente chamado na sala do comandante da minha companhia e fiquei quase o dia todo sendo questionado com perguntas desagradáveis, na mesma época eu tinha postado uma foto com uma colega que também estudava no colégio, estávamos de civil e abraçados, eles me mandaram excluir a fotografia e usaram a seguinte justificativa "você está denegrindo a imagem do sistema Colégio Militar com esse tipo de comportamento e deveria se envergonhar disto", tendo em vista que não havia vínculo nenhum o colégio em minhas redes sociais. No mesmo episódio fui orientado a seguir a "normalidade", me encaixando e agindo no padrão de segmento feminino mesmo sendo homem transexual, caso eu estivesse incomodado deveria me retirar daquele estabelecimento de ensino, não podia usar meu nome social e os militares e superiores sempre se referiam a mim com o meu nome de batismo mesmo meu nome de guerra sendo apenas o meu sobrenome. No mesmo ano eu não pude participar da minha formatura de colação de grau e de outros eventos relacionados ao colégio.

No relato acima podemos capturar o enunciado da normalidade e do padrão, ou seja, o comportamento do estudante não é normal, e há pelo menos três materialidades que legitimam o enunciado da exigência de normalidade, a) a fala do sargento, b) os uniformes e c) a maneira que se direcionavam ao estudante. Quando o sargento repreende o estudante alegando "estar denegrindo a imagem do Colégio militar com esse tipo de comportamento e deveria se envergonhar disto", está inferindo que qualquer tipo de comportamento fora do padrão não é tolerado dentro do colégio. Os uniformes além de descaracterizar os estudantes, também definem que homens usam calças e mulheres usam saias, e essa definição é feita pelo sexo, e não pelo gênero, o que interdita a possibilidade de transsexuais escolherem seus uniformes. E por último, quando os superiores deixam de chamar a estudante pelo sobrenome, e optam por chamar pelo nome de batismo para reforçar a feminilidade existente, descumprir uma regra para impor o padrão.

Vamos relacionar com o segundo depoimento:

[Colégio Militar de Brasília]

"Pouco depois da Globo exibir o primeiro beijo entre dois homens em horário nobre, meu professor de Física começou a primeira aula do ano perguntando, enojado, se alguém havia visto o beijo dos dois "viadinhos". A maior parte dos alunos riu, concordou e insistiu no assunto durante vários minutos de aula. Imediatamente, senti todos os rostos daquela sala olhando em minha direção e mantive minha cabeça abaixada, fitando meu caderno, como quem não tinha ouvido. Nunca foi incomum que eu apontasse injustiças no CMB, mas eu sabia que qualquer palavra que eu dissesse seria distorcida e chegaria aos ouvidos dos meus pais (embora eu não escondesse minha sexualidade dentro do colégio, eu ainda não era assumido dentro de casa)[...]"

Neste segundo relato podemos observar que o enunciado segue sendo o padrão de normalidade da sexualidade no corpo no colégio militar. Vale questionar porque o professor na aula de física, não explorando conceitos de sexualidade, estaria abordando desta maneira este assunto. Percebemos que o professor estaria confortável com o discurso que discrimina e o enuncia em suas aulas.

O colégio impõe essa “normalidade”. Para além das estratégias de conhecimento de referência, o colégio se posiciona sem utilizar nenhum recurso ou conhecimento científico, mas sim, um saber diário e comum disciplinador do exército. Ao analisar as falas (uma nos muros do colégio, e outra na sua sala de aula), é identificado o padrão de normalidade imposto pelo militarismo. Mas o que a ciência tem a ver com isso?

A relevância de uma perspectiva antiga frente a um mundo plural

Diante desse encontro com a página no facebook que define o colégio militar um ambiente que impõe um padrão e uma normalidade decidimos fazer alguns questionamentos buscando perceber como um colégio com altos índices de produtividade acadêmica, fala sobre questões contemporâneas de sexualidade, gênero e direitos civis. Assim, realizamos um questionário com 10 perguntas, realizadas em uma plataforma online, com temas que abordassem como a ciência está se relacionando com a diversidade de uma sociedade plural.

O questionário foi realizado com os estudantes e recém formados dos colégios militares, onde problematizamos o quanto a biologia na contemporaneidade, incorporou discussões sobre as novas formas de definir o sexo, e o gênero no colégio militar? Este questionamento foi escolhido como modo de legitimação, dialogando com os depoimentos encontrados na página do facebook.

Algumas respostas dos estudantes à pergunta:

“Nunca, inclusive nunca houve um fomento para reconhecer as diversas formas de diversidade do próprio ser humano. Como mencionado acima, a escola buscava a padronização dos alunos conforme a “família brasileira cristã”. Isso não era explícito, mas tácito.”

“Não me lembro de termos discutido esses assuntos. Minha turma era, praticamente toda, cis heterossexual. Acredito que apenas não nos afetava diretamente, então nunca buscamos saber mais sobre.”

“Não de forma ideal para o atual contexto histórico e social. As transformações ocorrem de maneira bem mais rápida do que as adaptações.”

“Nunca”, “Não me lembro de ter discutido esses assuntos” e “Não de forma ideal para os contextos históricos”, são apenas recortes das mais de vinte respostas que obtivemos em forma de negação, onde em contexto algum dentro do ambiente militar, foram abordados as diferentes formas de definir sexo e gênero.

Além disso, outros questionamentos fundamentais para análise, foram: Você já conseguiu utilizar a ciência como forma de ler o mundo? O quanto as aulas de ciências problematizaram a vida fora do colégio?

“Utilizo frequentemente os aprendizados técnicos da escola militar na vida hoje, porém, enquanto aluno de lá, nunca aplicava-os. Os ensinamentos foram armazenados e somente passaram a integrar a minha vida quando eu evolui minha visão social ao incluir em uma instituição federal. Enquanto aluno da escola, sempre todos eram bastante padronizados e os diferentes passavam por processos de exclusão (por parte dos servidores militares) ou perseguições disciplinares. Os servidores civis eram tão pressionados a padronização quanto os alunos.”

“Nas aulas não havia méritos de discussão para assuntos fora da órbita escolar. Sempre as discussões eram sobre a matéria em si, ou sobre a vida dos alunos na própria instituição.”

Nas falas acima, percebemos mais uma vez que o colégio militar não abre espaço para discussões que fujam de ensinamentos conteudistas o que nos permite questionar: como a ciência

interpela o estudante inserido na rede discursiva do militarismo e o prepara para a vida? Qual seria o efeito do discurso daquele professor de física para essa turma? As risadas dos colegas servem como consentimento, materializando o enunciado da normalidade, silenciando o estudante que se sentiu acuado pelo professor e pelos colegas? Quanto custa de dor o silenciamento da biologia? O que é qualidade?

Considerações

O colégio militar adota um padrão de normalidade entre os estudantes e a criação da página na rede social para expressar as situações vivenciadas pelos estudantes, é considerada uma linha de fuga para os mesmos, que por serem interditados, sentem a necessidade de visibilidade. O colégio legitima este normal, reforçando todos os diferentes modos de existência como anormais, ou seja, abjetos, e por isso são punidos. Um escape a esse pensamento poderia vir dos professores educadores em ciências, pois há uma pluralidade de conhecimentos vivos produzidos sobre sexo/gênero/sexualidade que desestabilizam por via acadêmica verdades padronizadas sobre a tradição androcêntrica, ou seja, a educação em ciências poderia desconstruir e (re)produzir novos discursos que despadronizam a normalidade. Nessa situações percebemos que não foi o que aconteceu, e é provável que raramente aconteça na maioria dos colégios. No entanto, o colégio militar não é um colégio qualquer, ele está no topo dos ranqueamento de qualidade. Cabe então retomar a discussão do que é um colégio de qualidade na contemporaneidade.

O aumento dos depoimentos sobre machismo, homofobia, racismo, estupro dentre outros contidos na rede social que utilizamos, gera um debate amplo sobre a qualidade da educação militar e os desafios dos educadores em ciências que constituem o corpo de funcionários dessas instituições.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault - Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso do collége de france (1975- 1976)**; tradução Maria Ermantina Galvão – São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In : DREYFUS, H. ; RABINOW, P . Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p .231-249.
- NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **Educação Militar: Uma leitura da educação no sistema dos Colégios Militares do Brasil (SCMB)** / Jefferson Gomes Nogueira. - 2014.